

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 28-A, 2.
Lisboa - PORTUGAL
End. teleg. Talhada - Lisboa • Telephone 2.
Oficinas de impressão: Rua da Aiaiaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A guerra social O URSO CONTRA A BALEIA

Quando se considera nos acontecimentos que se tem desenvolvido desde 1918, somos invincivelmente levados a verificar que na Europa os mais poderosos factores políticos são a Gran-Bretanha e a Rússia soviética. A Alemanha imperial, destruída pelos esforços dos aliados, transformou-se numa nação desamparada, desorganizada, em pleno caos. O extraordinário esforço feito pelos franceses para serem o ponto de apoio intransponível erguido ante a autocracia alemã, esgotou-se. Os franceses sofreram maiores perdas humanas que o império britânico, duma população superior, e até perdas superiores ao conjunto dos restantes aliados. A França sofreu em ruínas materiais, não só proporcionalmente, como em absoluto, mais que qualquer dos seus aliados. O elemento motor deste extraordinário esforço foi o alto ideal de que estavam impregnados todos os franceses. A liberdade ou a morte! Uma multidão sucumbiu. Os que sobreiveram guardaram as suas liberdades, porque a autocracia alemã foi esmagada. Mas a França jaz arquejante, esgotada, talvez tanto como a Alemanha, apesar de não ter, como esta, sofrido a fome. Pequena pela sua população na Europa contemporânea, grande pela sua energia e pelo seu poder moral, a França, com o apoio dos Estados Unidos do presidente Wilson, poderia ter sido o factor mais poderoso da política mundial se os governantes, com vistas gerais e largas, se orientassem por fins ideológicos. Desgraçadamente, tacanhamente, portanto ininteligentemente patriotas, cegos e surdos, os governantes só tinham em vista mesquinhos fins materiais. Deste modo mataram a força moral do país, que conduziram à ruína. E necessariamente se transformaram em simples satélites da política imperialista britânica. E desde então o seu papel consistiu simplesmente em procurarem assenhorear-se de algumas migalhas do bolo que os imperialistas britânicos julgavam reservado para seu uso após a queda definitiva do seu concorrente o imperialismo germânico. Felizmente para o progresso democrático, a detenção do poder obnubila sempre mais ou menos a razão, e os dirigentes britânicos não puderam escapar a este efeito psicológico fatal. Tendo aniquilado a democracia americana, enganando e envolvendo nas suas rês o presidente Wilson, observando a concentração do imperialismo americano, que só aspira a exercer a sua ação sobre as três Américas; julgando demasiado afastado para lhe fazer sombra o imperialismo japonês, acreditaram facilmente, serem os senhores da situação. Com efeito para eles não havia outro adversário a não ser a Rússia soviética. *Mutatis mutandis*: encontraram-se na mesma situação que os seus antecessores perante a Revolução Francesa, nos fins do século XVIII. Julgaram vencer Napoleão e a Revolução, quando na realidade foram eles vencidos. E agora o mesmo se dará. Pela força dos acontecimentos, o imperialismo britânico actual é, no mundo moderno, o sustentáculo, o representante do ideal autocrático e reacionário, e, por idênticas causas, a Rússia bolxevista representa o ideal socialista e, até à ironia dos fenômenos sociais! - o ideal democrático, de que pretende ser o imitador.

A guerra mundial foi, sob um aspecto, a luta do ideal democrático e libertário representado pelos aliados ocidentais, contra o ideal autocrático e realista, representado pelos centrais. O período do apó-guerra mostra-nos o mesmo fenômeno sociológico. A diferença consiste agora em os aliados ocidentais se terem transformado no símbolo do ideal autocrático e serem os slavos orientais o símbolo do ideal democrático e libertário. O conflito entre estes dois ideais é permanente. Era, portanto, forçoso que este conflito prosseguisse sob uma forma activa e violenta nos tempos que decorrem em que os povos ideais estão em plena ebullição. Por isso os imperialistas ocidentais, apesar das suas disputas sobre a partilha dos despojos da guerra, uniram-se com a certeza de que poderiam abater o perturbador que se erguia no horizonte oriental, no país donde vem a luz.

E há três anos que a luta dura! E, apesar disso, as suas esperanças não se desvaneceram e esperam ainda triunfar! A luta parece que deverá durar ainda anos, com vicissitudes e aspectos diversos. O mundo encontra-se perante uma verdadeira guerra social, que reveste as formas variadas de guerras entre religiões, entre nações, entre classes dumha mesma classe. Cinco, dez, talvez vinte anos decorrerão antes que finalise a presente guerra social pelo inelutável triunfo do proletariado sobre o capitalismo.

Actualmente, esta guerra mostra-se-nos sobretudo como um duelo entre a classe capitalista dirigente da Gran-Bretanha e toda a nação russa, com exceção dos antigos dirigentes russos, emigrados que desde 1918 desempenham papel idêntico ao dos emigrados de Coblença. Neste duelo entre o urso e a baleia britânica, esta tem tido a habilidade de fazer com que os outros se batam, contentando-se em aprovisionar os seus mercenários de notas de banco, viveres e munições. E por esta forma se criou o exército de Yudenich, o de Denikine, o de Kolchak. Dir-se-iam os exércitos dos príncipes e de Condé! O sucesso que os esperou foi o mesmo, pois que sucessivamente se desvaneceram. Mas ao desaparecerem não suprimiram os efeitos produzidos durante os seus dois anos de existência. Estes efeitos foram desastrosos para o imperialismo britânico e para os outros imperialismos ocidentais. E assim foi porque as intervenções estrangeiras na Revolução Russa desenvolveram o espírito nacional russo, ainda na infância, fortificaram-no e amaduraram-no por uma forma estranha! E os bolxevistas internacionais transformaram-se nos mais activos agentes do nacionalismo russo!

Enquanto que na época czarista da ante guerra - passado já bem longinquamente - a política britânica se chocava tam sómente contra um império russo sem outra coesão que a força burocrática da autocracia czarina, agora chocava-se com uma nação em peso, tendo a consciência dos laços que a une, desde o Mar Branco ao Cáspio, desde o Dnieper ao Mar de Behring. A luta contra o bolxevismo internacionalista gerou, desenvolveu e tornou poderoso o nacionalismo russo! O urso bateu-se em pessoa, e não por intermédio de mercenários, como a baleia. Resistiu e venceu. Mas o caminho da sua vitória foi semeado de sofrimentos e de mortos. Só os frutos sempre amadurecidos pelos imperialismos e pelas autocracias.

John Bull é sempre lento em compreender, quer seja a classe dirigente, quer seja a massa dos dirigidos, e, por esta mesma razão, é cego. Não tendo conseguido abater o urso com o auxílio dos seus aliados mercenários resolve então fazer a paz com ele para melhor o estrangular. E nisto consiste a ofensiva da paz de que se fala há meses. Esta ofensiva difere da ideia das negociações em Prinkipo, em que por esta ocasião, sob a vontade dum homem honesto - cousa rara entre os políticos dirigentes - o presidente Wilson, tratava-se então de levar a efeito uma paz honesta, enquanto que as negociações comerciais com as cooperativas russas e com os soviets representam uma simples trégua. Sob uma forma nova é a repetição da paz de Amiens. Lénine e os seus colegas não o desconhecem e preparam-se não como crianças que desejam a paz a todo o custo, mas sim como homens conscientes da duplidade histórica dos dirigentes da perfida Albion.

Lénine, Trotzky e os seus colegas são superiores intelectualmente aos Lloyd George, aos Bonar Law e colegas destes. Os primeiros são ideólogos e realistas, enquanto que os outros são simples utopistas sentimentais que julgam poder reter a marcha do mundo para um futuro de maior liberdade, igualdade e solidariedade. Parecem-nos tam loucos como homens que pretendem descer ao fundo do mar! Por isso, na sua loucura, longe de deterem a marcha do mundo, precipitam-na. Sob o seu impulso inconsciente, esta marcha transformou-se numa corrida com quedas, paragens, saltos. A Rússia soviética caminha firme, esforçada præsa de epidemias, não causa, porque dois ideais a empurram: o Comunismo e o nacionalismo.

Não só a República federativa dos soviets russos se defende do seu inimigo: o império britânico, mas faz mal ainda - ataca-o. E ataca-o no seu ponto sensível: na Ásia e nas Índias. Recomeça o que Napoleão I pretendeu fazer: fechar o poder britânico na Ásia. Não conseguiu Napoleão o seu objectivo por razões diversas: meios de luta pequenos para a obra a realizar; afastamento do

OS FORÇADOS 05 TRAPEIROS A GANDAIA

Mais ou menos, toda-a-gente os terá visto, toda-a-gente os distingue, mesmo quando os seus perfis caricaturais até ao despedale se esbatem na fraca claridade de um amanhacer indeciso. Ainda que os não denunciassse a saca que carregam sobre o dorso e a bengala ou a foicinha tradicional, que lhes ajuda a revolver o lixo, há em todos elas uma tam aguda marca de desgraça, sobre das suas figuras alucinadas, quase inversões, uma tam angustiosa sugestão de inferioridade, que só justamente quem disputava o alimento aos cães, ou pesquisasse na imundice a certeza de alcançar o dia seguinte poderia oferecer o seu aspecto hediondo, doadamente exagerado pelos andrados ignobres e indicíaveis.

Peregrinos do que não presta, colaudadores forçados dos despojos dos despojos repelentes, todo-o-mundo os terá avistado como proscritos da espécie humana, curvados sob a saca atulhada de lixo, largou a saca e deu uma corrida. Mas se pôde sentir-se das unhas da consorte, não evitou contudo ferir-ses nãos mãos, porque tropeçando em seguida, foi cair sobre uns retalhos dispersos das folhas de Flandres.

Gargalhadas e comentários ásperos fizeram levantar algumas cabeças debruçadas sobre os cangrejos de lixo em que se transformaria o solo, mas foi um curto instante, porque tumultos semelhantes e uma precipitada avidez de separar os despojos lhes retinha a atenção e a actividade.

Assim, outra voz guinchou:

— Não me leves isso, grande bruto...

Depois de limpo, ainda dá para um de nós comer. Se tu é muito rico, eu ainda preciso muito.

— Pois tu ainda aproveitas isso para



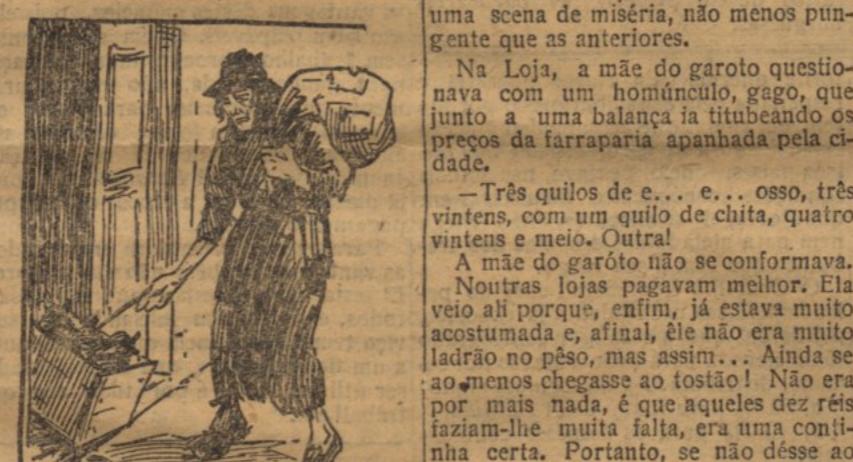
... sons rousos, alcoolizados, intercalam o despejar das sacas, que levantam sempre grandes nuvens de poeira...

festar uma solidariedade selvagem com os moradores.

Tudo ali é miséria e desolação.

Tapumes de rerdeados equilibraram-se milagrosamente sobre montões de lixo e inconfundíveis destroços de objectos de uso variado, conservados por sucessivas e adaptáveis gerações.

Junto aos rochedos, carroças voltadas, barricas vazias, pilhas de madeira e sucatas de ferro, acordam lendas de rescaldos e naufragios e como se isto ainda não bastasse, toda a intimidade do lar, toda a miséria da casa de uma população vegetando à margem da vida, e possa também ao ar livre, as carícias do sol,



... como proscritos da espécie humana curvados sob a saca atulhada e repeleente, que não penetra nunca aquelas esplanadas dos miseráveis trapeiros.

Aos portais, sentadas, velhinhais trêmulas encobrem quase com a cabeça a que suportam sobre os joelhos, e donde levam à boca, com uma colher de pau, um líquido escuro, trespassando a eixo e azedo. Outras gritam pelos rapazes empoleirados nos vãos das carroças ou apedrejando legões de galos e cães, companheiros talvez das excursões pelos caixotes. Algumas ensabãoam, estendendo roupa, coçam-se, choramigam, tudo numa dispersão de pragas, ginchos e lamentos, até que a mel da miséria, como sapos arrastando-se, veem ao encontro dos primeiros trapeiros, já de volta da gandaia, ajudando-os no despejar das sacas e na escolha e divisão da lixaria.

Eduardo FRIAS.

terreno de luta, a França; enfim sobretudo nenhuma ideologia capaz de comover, de sublevar as massas populares da Ásia.

Lénine, porém, está noutras condições. Entre a sua base, Moscovia e a Ásia Menor, a Pérsia e a Índia, nenhuma solução de continuidade existe. Mas acima de tudo há um ideal - verdadeiro ou falso, bom ou mau, não importa - bastante poderoso para sublevar e inflamar as massas. Este ideal é o nacionalismo ou a liberdade dos povos, o comunismo ou a igualdade e a solidariedade das massas. Assim o urso bloqueado e esfaimado está no caminho da vitória contra a baleia gorda e anedafada.

Paris, Maio de 1920.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

A vida deste jornal tem sido constantemente abalada, não só pela subida desenfreada do preço do papel, como pelas perseguições acintosas de quem só vê vitória por parte dos que governam. As despesas, portanto, têm aumentado e os prejuízos são de elevado vulto.

Porém - e isto nos consola e nos anima a prosseguir na senda que trilhamos, a classe operária tem sabido corresponder, dumâ maneira que não oferece divididas, aos nossos anelos, contribuindo com o seu esforço monstros, quântas vezes retratado ao seu orçamento cascudo, para que este baluete não desapareça.

E' de crer que todos os trabalhadores se vão compenetrando de que é necessária a existência de *A Batalha* e por isso não devem deixar de auxiliar para que tenha uma vida desafogada.

A seguir publicamos mais uma lista das importâncias ultimamente recebidas:

Transporte...	5.600\$93
José dos Santos (3 cotas semanais)...	2510
J. A. M.	30
Queto na fábrica de moagem de Santo Amaro, secção de ensaque (lista n.º 1)...	825
I. M.	1500
N. L. M.	830
Dionísio Silva...	50
Brinda	500
Edmundo Luís Vaz	1550
Palma Conceição Soares.	20
A. S. P.	10
Manuel Baptista.	1300
Quete aberta na Construção Civil (Porto)...	875
L. P. (Amarante)...	2500
Az...	2850
José Manuel Gil.	50
Amaro Loureiro.	20
Oliveira	20
António Ribeiro.	20
Francisco Gaspar.	20
Rui Monte Tijo.	20
Antero Fernandes (cota semanal)...	350
Liau (cota semanal) (2)...	45
José Pereira Fortes, cotas de Marco a Maio...	10
Idem de Junho...	1500
António Lima Queiroz (Lorenzo Marques)...	1000
Joaquim Francisco...	2500
José dos Santos Carvalho.	50
M. Canhoto e A. Cardoso.	10
Quete aberta no Bairro Social n.º 1 (comandante 4)...	1000
António Rodrigues Pereira.	1000
Joaquim Munhoz...	50
José Francisco.	30
Ferreira Quartel.	50
Manuel Inês...	25
António Lima (Amaro)...	1500
Augusto Carlos Rodrigues.	1000
Associação dos Rurais (Evora) cotisação referente a Maio	1000
Quete aberta em Almada...	1000
Leônio Coutinho.	50
António Teixeira.	50
João Cabral.	2000
Manuel Jesus Silva (Pinhal Novo)...	2000
Um grupo de metalúrgicos (Porto)...	50
Joaquim Domingos...	80
Manuel J. Silva...	1000
Joaquim Tomé Lopes.	2500
José Gomes Pereira, um ano de auxílio a 5 cts, diários.	1800
Quete em Braga, Const. Cl. vii...	1800
Abílio Graca Andrade.	2500
Francisco H. Sáude.	1000
António F...	500
Manuel N. Cabrão...	300
Juventude Sindicalista (Barcarena)...	500
Luis Serpa (quete)...	7883
Quete aberta em Albernoa (lista n.º 2)...	1900
Júlio Gonçalves Pereira.	4820
Quete na nova Morgue (lista n.º 3)...	1900
Manuel Pereira...	2443
Manuel da Cunha...	1500
Guilherme Santos...	50
Francisco Caramelo...	50
Um pedreiro...	25
José Moreira.	80
Adriano Oliveira...	50
M. N.	1000
Total...	5.679\$41

Chinesices

Publica *O Século* da noite um sujeito interessante. Os editores de Leipzig, mandaram editar várias obras à China, conseguindo assim um abatimento de 75 000 sobre os preços daquela cidade.

Acaba, porém, *O Século*, por chamar a atenção dos operários europeus para esse facto, como dando a entender que os trabalhadores poderiam subtrair 75 000 aos seus salários, para se igualarem aos seus camaradas chineses.

Estamos plenamente de acordo. Basta para tal que os comerciantes e industriais europeus para viver.

Hermanos...

Os cozinheiros, pasteleiros e similares escreveram para a redacção de *El Sol* dizendo que no seu movimento grevista lutam pelos seus interesses e também pelos do público. Por esse motivo os proprietários mostram-se intransigentes.

Os patrões espanhóis são irmãos dos portugueses.

Interesses

<p

C. G. T.

Na sua recente reunião, o Conselho Confederal tomou resoluções sobre a situação de "A Batalha" :: :

Com a presença da maioria dos deputados, realizou-se anteontem a terceira reunião do Conselho Confederal, encetando-se os trabalhos pelas 21,30 horas, aos quais presidiu a mesa das sessões anteriores.

O camarada Júlio de Matos enviou para a mesa a seguinte proposta, que foi aprovada:

Propõe que as reuniões do Conselho Confederal, se realizem as segundas, quartas e sextas feiras, até a aprovação do relatório do Comité Confederal.

Entrando-se na apreciação das propostas e moções pró-Batalha, apresentadas na sessão anterior e que tinham baixado ao Comité para estudo, Manuel J. de Sousa leu o seguinte

Parecer

Em conformidade com a decisão do Conselho Confederal, na sua sessão de 2 de outubro, o Comité, reuniu em 3, conjuntamente com os representantes da administração de A Batalha, estudos os novos encargos que sobre o órgão confederal impendem neste momento, e verificou que, mesmo com a subida do preço de cada exemplar para cinco centavos, o seu *deficit* diário é de 12800, ou seja, 3.840.000 mensais.

A summa da receita e despesa abaixo expressa, partindo do princípio de que a sua tiragem, em virtude do aumento de preço, baixa para 8.000 exemplares, comprova o que acima dizemos.

Lisboa, 4 de Junho de 1920. — O Comité.

Venda diária de 8.000 exemplares, de quatro páginas, a três e meio centavos.... 20.000

Anúncios..... 20.000

Total da receita... 300.000

DESPESAS:

Papel, 250 quilos a 1 \$20..... 300.000

Impressão..... 25.000

Composição..... 5.600

Redacção..... 20.000

Informação..... 4.500

Administração..... 9.500

Expedição..... 9.500

Casa, luz e limpeza..... 4.500

Despesas gerais..... 1.500

128.000

3.840.000

Déficit diário.....

128.000

" mensal..... 3.840.000

Os cinco centavos como cotisação voluntária mensal por sindicato, votados na reunião das Federações, Uniões, Sindicatos Nacionais e Únicos, de 2 de fevereiro, poderiam chegar para cobrir aquele prejuízo, se este continuasse subsistindo, apesar do aumento de preço do jornal. Mas o seu carácter de voluntário não constitui garantia suficiente para a estabilidade do jornal.

Para que A Batalha possa ter mais equilíbrio a despesa com a receita, e assim ter garantia a sua existência, absolutamente indispensável para a organização e para a propaganda, necessita dum fundo especial permanente.

Esse fundo pode criar-se com a cota de um centavo por semana e por sindicato, cota que seria cobrada por meio do sécito confederal.

A cota por sindicato para a Confederação, é de meio centavo por semana. Se se tiver em consideração que na época em que aquela cota foi estabelecida não estava o custo da vida tão elevado como agora, verificar-se-ia que aquela cota é absolutamente insuficiente.

Tem a Confederação despesas periódicas inalienáveis — se quiser corresponder à missão para que foi criada.

Subiram os preços dos transportes, da hospedagem, os salários e todos os objectos de secretaria.

As questões jurídicas, que correm pelo respectivo Conselho, elevam-se de dia para dia, acumulam-se e estendem-se a todo o país.

As relações internacionais são cada dia mais extensas e intensas, e comportam um considerável aumento de despesa.

Uma representação que surja dum momento para o outro, inesperadamente, por motivo da diferença cambial, importa numa considerável despesa. E pela circunstância das relações internacionais serem cada vez mais apertadas, não pode a organização portuguesa exigir-se ao cumprimento dos seus deveres de solidariedade.

Meio centavo que até agora se tem cobrado semanalmente a cada sindicato é insuficiente para ocorrer a metade despesa das despesas confederadas.

Importa, portanto, elevar essa cotização para mais meio centavo, isto é, ficar em um centavo.

Deste modo, a cota por sindicato, por semana terá de passar para dois centavos, destinando-se 50% para A Batalha.

Não ignora o Comité o que representa de penoso para a organização este aumento de cota, mas sem ele, a Confederação terá que limitar a sua ação à correspondência manuscrita, sempre útil e necessária mas insuficiente no momento que passa. O próprio Conselho Jurídico ficará com uma ação limitadíssima, quase prescindível e a A Batalha ficará condenada a desaparecer.

O Comité está, portanto, convencido que a organização corresponderá a esta necessidade absoluta, desde que seja convenientemente elucidada por uma intensa propaganda esclarecedora, que se faça no seu seio, de modo que a cota por sindicato seja proporcionalmente elevada.

Uma coisa há a considerar ainda: A Batalha necessita rapidamente do auxílio material. E contudo o aumento de cota não entra desde este momento em vigor.

Ao Comité figura-se-lhe que cara obvir a este mal a emissão das 25.000 obrigações já proposta em conselho devo ser rapidamente feita e, conforme a proposta, serem as obrigações distribuídas aos sindicatos com urgência, a fim de se colher o capital necessário para que a publicação de A Batalha não sofra interrupção.

Atentas as considerações rápidamente expostas o Comité é de parecer:

1.º Que a cota confederal passe a partir de Julho em diante a sete de 2 centavos por semana e por sindicato, de

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Único da Construção Civil. — Comissão de melhoramentos. A comissão de negociações esteve ontem tratando com o ministro do comércio de vários assuntos de alto interesse para os operários que trabalham por conta do Estado, falando-se sobre o regime de tarefas a efectivar nas obras do referido ministério. A mesma comissão protestou junto do ministro contra o facto de, numa local do *Seculo*, se dizer que a fraude existente nas obras daquela ministério, na parte respeitante ao entulho que se tem retirado das obras, ser da responsabilidade dos apontadores e com a cumplicidade dos operários, posto que estes não têm interferência de qualidade alguma na saída do entulho, sendo apenas entre os que guardas das obras pelos condutores de carroças que executam aquele trabalho uma senha por cada carroça que saí, os quais ao fim do dia as entregam ao apontador da obra, que é também quem as fornece aos condutores de carroças a fim de entulho poder sair. Deste modo ficou o ministro sabendo que se existe fraude nesse serviço do Estado é apenas da responsabilidade dos apontadores e não dos operários.

O ministro respondeu que essa noticia publicada em *O Seculo* não era da autoria do governo, visto que nos casos de roubo que se têm apurado nas suas obras não figuram nenhum operário, e que por esse motivo, tem por várias horas, na sede do Sindicato, a fim de tratar dum assunto urgente que se prende com o Conselho Técnico e Económico, e especialmente, a forma como ficou assente o regime de tarefas a efectivar nas obras daquela ministério.

Sindicato Único da Construção Civil. — Comissão de Melhoramentos. — Por este meio se preveniu os camaradas Marcelino da Silva e João Gomes que devem estar amanhã, pelas 9 horas, na sede do Sindicato, a fim de tratar dum assunto urgente que se prende com o Conselho Técnico e Económico, e especialmente, a forma como ficou assente o regime de tarefas a efectivar nas obras daquela ministério.

Operários alfaiates. — Reúne amanhã a assemblea geral para tratar, entre outros assuntos, da greve dos camaradas alfaiates do Pórtico.

verificado que as resoluções votadas na última assemblea geral e referentes à condução a seguir dentro da sede do sindicato pela Juventude Sindicalista Metárgica e vendo com desgosto que mais uma vez foi desacatada; resolvem entregar o caso à classe e para tal deliberar convocar nova assemblea geral para a próxima sexta feira, 11 do corrente, às 21 horas.

— Amanhã reúne o Conselho Técnico e de Melhoramentos, convidando-se a reunir conjuntamente os delegados representantes de todas as oficinas metárgicas.

Pelos assuntos a tratar, entre eles o das horas suplementares, que o sindicato tem como um dos mais importantes, é de esperar que os camaradas de todas as oficinas se interessem, nomeando os seus delegados a esta reunião.

— Para assunto urgente e inadiável, a comissão administrativa pede a compreensão, neste sede, do camarada Alfredo Costa.

Ferroviários da C. P. — Convidando os ferroviários demitidos e transitiados do quadro, por motivo da greve de Julho de 1919, que pretendam ser incluídos na lista que vai ser entregue prestando a sua reintegração, logo que se inscrevam ou façam inscrever, por escrito, na sede do sindicato até ao dia 10 do corrente.

Sindicato Único da Construção Civil. — Comissão de Melhoramentos. — Tem como um dos assuntos da greve a questão das necessidades monetárias. Mas anteontem, ontem e hoje, sob aquelas necessidades ponderáveis, sempre se divulgaram e variadas vezes se mostrou, uma evidente vontade de tirar para longe como os ridículos opositores das nossas aspirações. A classe telegráfo-postal teve alguns dos seus membros demitidos quando da greve União Fabril, tem agora outros transferidos, sem processo nem legalidade, em resultado desta última greve nossa. Tem por satisfazer os direitos que adquiriu, logo que o governo lhes pagou, sem desconto algum, vencimento, gratificação, subvenção, ajuda de custo de vida e exercício.

Tem processos sem despatcho, anos gavetas. Tem ditaduras, politiqueras, favoritismos, logares preenchidos sem direito, nem decreto. Tem Associações "chichadas", a língua aperreada, algumas janelas apafusadas, as repartções espalhadas, os chefes incolores manietados, os inferiores perseguidos, os serviços desorganizados, desmorolizados pelo que se sabe, pelo que se vê, pelo que se ouve, pelo que se renega e pelo que mandam.

Um ex-ministro aconselhou barra, um outro prometeu secundá-la, um senador classificou de infâmias o que a barreira alcaínaria em breve. No entanto a classe telegráfo-postal espera, sofrer, preparando-se para ser livre.

O espírito de união revigora-se, a orientação a dar aos seus trabalhos, ao seu futuro assegura-se. Um jornalista confessou-se a pouca intelectualidade do titular que nos apouca. Mas não importa. Esse titular lembrou-nos o dever, trouxe-nos maissensibilidade, mais desprêzos pelos que nos afrontam, mas fôrça para os expulsar, maior amor aos semelhantes, mais crença, mais fé em nós e nos que como nós se encontram. Temos por nós a força, temos por nós a união, temos por nós a justiça, temos por nós o dever e temos por nós qualquer assalariado, qualquer proletário, qualquer vítima dos que lambem o ouro que se lhes amorda nos bolsos. Estamos coetos, perseguidos, escarnecidos. Temos vias de liberdade organizada, de estudo compensador, de respeito recompensador. Apertem, escarneçam, persigam-nos e não se admitem de sentir depois a guela vomitar com a língua todas as patifarias de que foram fartsos e bem fartsos também estamos.

Apertem-nos, mas preparam-se... Eugénio BATTAGLIA

• • •

Processos baixos

Há bastante tempo já que o operário António Nunes Canha, que ultimamente trabalhou em Alpiarça, se encontra preso no Almada, acusado do polícia, estando detido aos tribunais militares, conforme temos dito.

Movete-se em volta deste caso alta intriga, segundo somos informados, andam alguns oficiais do exército por Alpiarça a causa da detenção de acusado, para quem se poriam que não é de Alpiarça, que se proponha servir-lhes os designados.

Tem aqueles oficiais feito todas as diligências para obrigar as pessoas que interrogaram a dizerem-lhes coisas que a eles desmentem. Escravos-nos um camarada que foi interrogado dizendo que declarou os resultados daquele que o acusava.

Um outro Celestino Gameiro, foi chamado a depor e interrogado, e que também foi interrogado por um maior de Santarém sobre o caso. O maior não deixou o Celestino dizer que este queria, desejava, a força viva boleivista e bombista. Com o interrogado era satisfeita, não satisfazendo os seus desejos, ameaçou-o com a morte. Não contou, porém, os seus temores, porque o Celestino Gameiro era um homem sério, que apenas diz a verdade.

O outro tanto sucede com outro camarada que foi interrogado pelo mesmo maior, por um capitão, sendo igualmente ameaçado com a morte.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre o caso.

António Nunes Canha por desordem. Declara desde este momento que o seu interrogado é deputado ao parlamento.

Francisco Luis Chapado, um dos primeiros proprietários de Alpiarça, foi também chamado à administração, onde declarou ter encontrado António Canha em Lisboa, mas o vinha com alguma dificuldade, e que tinha sido interrogado por um maior de Santarém sobre

TUDO CORROMPIDO!

E A GANGRENA ALASTRA

De como as "forças vivas" pesam na lança — Pão fino a 1\$20 — Lama, muita lama

Foi no sábado, 22, que os financeiros que enchem todos os dias a rua do Comércio puseram à prova a fôrça do governo, que eles mesmos alçaram e que serve à maravilha. Serve-lhes, e no dia em que não servir, eles sabem perfeitamente como o devem desalojar, substituindo-o por outro que satisfaça. Tem-se dito à boca pequena que a governança portuguesa recebe determinações categoricas, a que dâ intelecto cumprimento. Assim é. Isso que afi está, aqui em Portugal como na maioria dos Estados, não se governa por si. As ordens dínamos do centro da Europa e partem um tanto da Europa e partem um tanto do norte das Américas. Não só actualmente, pode-se afirmar, estados independentes. E' isto um assunto interessante que todos nós constatamos, mas que não conhecemos os seus interessantes detalhes. No entanto, se os informes prometidos nos chegarão, faremos aqui revelações interessantes.

Mas não é só a tutela exterior que prende hoje os movimentos do povo português. Há-sobre esta uma outra tutela que vai fazendo com que tudo isto se subverta. E essa é uma tutela interna, constituída pelo comércio, a indústria, a alta finança — sobre tudo a alta finança — e a lavoura, que dão hoje leis a este país. São estes quatro estados dentro do Estado, que põem e dispõem dos governos e aprovam ou derrogam leis, conforme lhes agrada. No sábado último dizia-se à boca pequena que o governo necessitava de fazer pagamentos em moeda ouro e não tinha um *shilling* que fosse para fazer face aos seus compromissos da dívida externa. Sabido que isso foi nos centros da rua do Comércio, imediatamente a libra, que se estava vendendo a 22500 e 23500, passou a vender-se a 28500. Isto não é fantástico porque nós, que no referido momento estávamos naquele mês, pudemos verificar esse facto e ouvimos de alguém que dão os dias santos na finanças, que antes de dois meses a libra custava 5000. Será verdade? Se o for, que será da nossa vida? O que faremos nós para podermos viver? Se o custo do bacalhau orçava pela média de 10 centavos. Não há fiscalização. Lá o disse o sr. Baptista "tudo se vende neste país". E' verdade.

Tudo rouba, todos roubam e defraudam. Já não é só o comércio — é toda a gente. O próprio povo rouba e defrauda-se mutuamente. Isto, é de facto, o mais completo desmanchar de feira. Nós só aguardamos que o parceiro do lado se distraia para lhe cravarmos a garrada do nosso egoísmo.

Como evitar isto? Não há duas maneiras. Só uma é viável. Falhou interiormente o sistema que até hoje nos vendeu e que deu nisto: o roubo à outrem. Não resta, pois, quebrar os moldes da actual sociedade e vassá-la noutras novas e perfeitas. E' isso que é mister fazer.

— Quem é que não sabe o que se está, dando com o pão? E' tudo o que há de mais criminoso. Vende-se pão fino a 1\$20, mas vende-se...

Tudo o que é que é das não no amor, na tragédia e no *five o' clock* vêm na *Mode Parisienne*, no Paul Bourget ou no Júlio Dantas. A *mignaine* veio de Paris com o *Coeur de Femme* e o adutório não é o fruto dum paixão. «*Acaso há paixão num manequim do Tailleur de la Mode?*» Porventura existe amor nos personagens do mestre Bourget? Não. Há apenas elegância, como no espartilho *bleu* e no polimento, cõr de vinho dos sapatinhos último modelo.

Quando eu desvia a rua do Ouro, um Mercedes silencioso e polido paro docilmente à porta do *Rendez-vous de Gourmets*. Primeiramente um pé *mignon* espreitou sob a portinhola e em seguida, um belo vestido roxo-surgiu, formando um esplendoroso conjunto com um chapéu negro, ornamentado dum penugem branca, leve, fluida. Ao atravessar, dois *paletots* cintados ergueram os cósos num cumprimento correcto; o vestido roxo, *au dernier cri*, correspondeu galantemente agitando a pluma clara como alvaide. E enquanto a *robe elegante* se evanía na penumbras dos meus olhos como um pesadelo, me não feriu a sensibilidade requintada.

— Felizmente o criado pôs termo ao nojento espetáculo.

— Fora daí! Fora daí! — gritou, empurrando, ao mesmo tempo, a deslegância dum pedinte para longe do Templo da Civilização.

— Mário DOMINGUES.

O ordenado que hoje lhe corresponde em relação ao câmbio seria:

4 libras a 5\$76.....	23504
3 shillings a 28.8.....	\$86,4
4 penas a 502,4.....	309,6
	24500,0

O ordenado que hoje lhe corresponde em relação ao câmbio seria:

4 libras a 2400.....	9600
3 shillings a 1320.....	3860
4 penas a \$10.....	840
	10050

Temos, pois, que, *cambialmente faltando*, o homem devia ganhar hoje, em média, 100500, mas se atentarmos nos demais factores da carestia da vida, ainda *cambialmente calculando*, temos que aquilo que nos custava então 10 penas nos custa hoje 16, 20 e 30, pelas mais seguras médias, o que nos leva a levará igualmente toda a gente

CONTOS DE "A BATALHA"

UMA TRAGÉDIA ELEGANTE

No inverno, quando o sol abre, durante a tarde curta, as suas cortinas sujas feitas de nuvens plombeas, doiram-se de leve os passos pésdos da rua Garrett e a Graca e o Castelo envolvem-se num manto mais rosado do que um sorriso de criança.

O Chiado anima-se; e todo aquele que, verdadeiramente, psicologicamente, obedeces as ordens imperiosas do *círculo vicioso*, vai passar as suas botas scintilantes e o talhe esbelto da londrina moda, pelo Rossio até à rua do Ouro e da rua do Ouro à Casa Flaviana.

Naquele dia, precisamente, mostrava-se o inverno calmo e a tarde apetecível.

Não pude resistir à fatididade da raca e, tomado as luvas, depois de duas voltas elegantes em frente do espejo, fui dar outras duas voltas pelas ruas aristocráticas, olhando com interesse os *bijouteries* frageis do Cardoso, verificando de alto as novas edições, parando ante o *vitrine* do *Bonheur des Dames*, onde uma pluma alaranjada impetuosa desafava a bolsa dos ricos e a prostituição das virgens.

Figuras finas seguiam a sua parábola elegante, subindo, umas, descendo as ruas. Elas, no seu passo miudinho e leve, como o salitar irrequieto dos cantos, fêpudos, que as seguiam de perto, erguiam a perna tempe e irreverente junto das colinas, das portas dos *magasins* e mesmo, subtilmente, no interior dum casa de músicas onde, em quanto a um grupo escutava extático uma partitura bizarra, um fio rápido, translucido corria contra o pé tornado dum piano, avivando-lhe o brilho.

Nesse ano andava o roxo na banalidade da moda. Vestidos, lembrando a tunica do Senhor, perpassavam ondulantes e cristâmente sensuais. Outros mais claros, outros mais escuros, subiam o *trottoir* em reverberos sublimados pelo corte sinuoso dum lantilhão. Alguns dos vestidos, avivados a preto, eram encimados por cabeleiras oxigenadas e estas por chapéus estranhos, onde se agitava uma pluma batida pelo vento.

Nas montas havia figurinos belos como deuses, de mãos magras e enladas, dedos curvos como delicadas garças, cabelos luscamente louros e chapeus agarrados. Eram estes deuses o encanto e a adoração dos fiéis. Apesar da sua rigidez pétrea, dava-lhe rendimento, maquacando-o; ministravam a educação física, ensinavam-as à donzelas atitudes lúbricas, davam lições de filosofia e de civilidade. A sua frialdade de inanimado atraía aquela as carnes juvenis e bem torneadas e fazia germinar ideias torpemente belas nos cérebros das que se conduziam na rua, como, aliás, se conduzem na vida inteira.

— Como eu fui imprudente e *gauche*! Que chorasse milhares de proletários lágrimas de sangue, de fome e de humilhação. Mas fazer marquesa chorar é uma fortuna, por minha causa, por proferir essas obscenidades horríveis — fome e operário — era crime que me devia custar uma expulsão cruel.

Fugi sobre as tapeteiras silentes. E

durante meses, fechado em casa, estudei a super-essência do snobismo nos grandes mestres nacionais e estrangeiros.

Mas a marquesa é uma alma de ouro, safiras, rubis, pérolas e outras coisas caras. Perdoou-me e esqueceu, como só uma alma de tam subido prego sabe perdoar e esquecer.

Eis porque me convidou a recostar o cheiro do meu casaco no estôdio branco do seu *Mercedes*.

O seu amor voltava, mais elegante, mais espiritual e eu, antes de descermos no Benard, confessei-lhe a ansia febril de possuir nun supremo gôzo as suas luvas voluptuosas nas minhas mãos, que só atraíram a marquesa de para lá, com igual ou semelhante contrato ao que vendeu descrevendo, por falta de hábito de lidarem certas manigâncias do Estado, não vêm a conhecer bem isso senão depois de estarem realmente em exercício. Pois a *categoria* é o ordenado fixo, que não se tira ao funcionário senão em caso de demissão do lugar, porque, mesmo suspenso o exercício das suas funções por qualquer motivo, tem direito a ela, até que se alga se lhe prove em contrário.

Dito isto, e para que serve aquela ponto da cláusula 5.º: *não venderemos dias de trabalho em que faltará ao serviço sem ser por motivo justificado*.

Exemplifico, para que se não julgue que é nosso fito defender a manigâncie. O funcionário nomeado sente-se dois ou três dias doente, com uns ataques de impaludismo, tam vulgar em África, e o profissional, impossibilitando-o durante esse tempo para o trabalho. Limita-se a remeter um bilhete ao seu chefe, participando que se encontra doente, e nada mais é preciso para que, chegado o fim do mês, seja processado o seu vencimento por completo, querer dizer: categoria e exercício.

Mas, supunhamos mesmo que lhe não apetece mandar dizer nada e que falta durante esse tempo. A grande maioria das vezes nada lhe desconta, porque os lobos não se comem uns aos outros e todos são leões filhos da mesma porca, mas, ainda que isso suceda, o desconto incide apenas sobre o exercício, recebendo a categoria intacta, apesar da falta não justificada.

Pois para o contratado (o tal que assina a sua escravatura a sorri), a lei é apenas a infâmia do contrato: *nada vencera*.

— Mário DOMINGUES.

Sociedades de Recreio

Grupo Ocidental. Os modernos.

Continuando as festas do 1º de Maio, no seu salão, com esvoradas pelas escotifeiras musicais, com 14 horas, quermesse e concerto musical pelo distinto terço Pedro Alcântara Ferreira; às 16, concerto musical pela banda da Academia Filarmónica Verde e às 21 horas baile.

O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous de Gourmets*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arrancado talvez à montanha alfaia da moda, passou. Bocas murmuraram em redor...

— O Dantais! O Dantais...

Quedei-me junto da porta do *Rendez-vous*, contemplando a onda de elegâncias roxas, pensando em dirigir-me, por volta das cinco, Chiado e casa e tomar a *champagne*. Era acentuava-me que por lá passavam idênticas formas, quando a tarde têpida.

Um fato negro, um bigode negro pintado (?), uns olhos negros quasi em absoluto, soñadores, um côro negro e umas botas negras, reunidos num corpo impiedoso, arr

Borges do Rêgo

RUA IVENS, II

LISBOA

Vende azeite EXTRA para
fabrico de conservas

Folha f. c. b. r., estanho L.



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma solidade capaz de resistir a todos os vasos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

NICOLAU GOMES
CORREA

Alfaiate-Mercador

NOTAS & COMENTÁRIOS
por PERFEITO DE CARVALHO
Recebem-se pedidos na administração
da Batalha.A' Rapaziada!!!
As valentes e pêras!Botas pretas, para homem, a 1375,
15825 e 16875.
Botas brancas, As Valentes, a
1375.
Botas Pretas, duas solas, a
16825, 16875 e 16800.
Sapatos, para senhora, a 11450,
14500, 15800 e 16800.
Grande variedade de calcado para
crianças, e de luxo para senhora.Para a frente é que é!!!
Venham ver os nossos preços!Fornecedores dos empregados dos
Caminhos de Ferro Portugueses e
do Sul e Sueste e da Cooperativa
dos empregados do Diário da No-

SAPATARIA S. ROQUE

16, Largo Trindade Coelho, 17

(Antigo Largo S. Roque) 27

OURO!!!

Mais barato e não
—se paga fioito— Só milagre!!!
OUROComprém na conhecida e acreditada
caixa Faixa & Fraga.Ha sempre grande sortido de cordões,
correntes, anéis, alfinetes e mais objectos
em 2.º não renovados com pouco
feito.4 a 12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Gaivotas
TELEFONE 3676

Electricidade

Instalações eléctricas de luz,
campainhas, força motriz, pára-
raios, telefones, elevadores, gaz
e água. (134)

Orcamentos gratis

62-A, Rua D. Estefânia, 62-B

Carlos Costa

CHAPELARIA

Viuva de Manuel
da Costa Marques
& C.ª LimitadaRua do Ouro, 36
Telefone 2.676-C.COMPLETO SORTIDO
DE ARTIGOS PARA ES-
CRITÓRIOA Transformação
da Sociedade
pela acção do
Sindicalismo Revolucionário

por José dos Santos

Folheto de propaganda onde o au-
tor demonstra o valor do sindicato
na transformação da Sociedade

Ao preço de \$15

A' venda na administração de A
Batalha.

JANOTAS?????

Sejam económicos!!!

Como vestir bem e barato??

Só na ALFAIATARIA JANOTA.
Onde se viram fato e sobretudo ficando
como novos, baratos e no rigor da moda.Especialidade em obra de cinto, variado
sortido de fazendas a preços resumidos.

Aveitam-se fatos a feito.

Rua do Sol Rato, 215, lola e 3.º

andar, esquina S. João dos Bem-
bocados.—(Eléctrico à porta, carro da Es-
trada)—Postal a S. Madalena. (133)

CARPINTEROS

Precisam-se para oficina na rua
dos Correeiros, n.º 119 e 121. 7302Trabalhadores
lêde e propagaiCompanhia de Papel
de Gois

Ponte de Sotam-Gois

FÁBRICA toda a qualidade de papeis de em-
brulho, sacos, cartuchinhos, manteiguelo,
costaneiras, almacôes, coquilles, escrita, impres-
são, assetinados, capas e carta, bem como
papeis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317

10, Rua da Nova Alfândega, Porto — Tel. 2.192

O verdadeiro moinho
"AERMOTOR"Novo modelo americano, com engrenagens
e tirantes duplos lubrificados automaticamente com óleo.Este moinho extrai
áqua a qualquer pressão
e suíndade bem como
na elevação; podem
também ser adaptados
para moagem e para
força motriz.

Pedir nosso catálogo para esclarecimento.

Executam-se trabalhos de serraria, cincuns, mecanica, bombas
e camanetas sojam estes quais forem.

Orcamentos gráti-

JUSTO, SANTOS
B THIMOTEO, L.Tr. do Rosário, 10-A
(à Praça da Alegria)Trabalhadores
lêde e propagaiA MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROSCAPITAL, 500.000\$00
RESERVAS: 405.402\$76,7

Sede em Lisboa—Rua Garrett, 95

Telefone 4084

Delegação no Porto—Rua Sá da

Bandeira, 331, 1.º

A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROSCAPITAL, 500.000\$00
RESERVAS: 405.402\$76,7

Sede em Lisboa—Rua Garrett, 95

Telefone 4084

Delegação no Porto—Rua Sá da

Bandeira, 331, 1.º

CLÍNICA DENTÁRIA
BARROS MARINHASExtracções dentes por anestesia espe-
cial. Colocação dentes fixos e com placa.

25—Rua da Assunção—25

(Esquina da R. da Prata)

R. Nova da Piedade, 60, 2.º-D.

22 Telefone C. 4329

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original
do oamara

Manuel Ribeiro

300 pags. — \$150

A' venda na administração de

A BATALHA

A CATEDRAL

Romance de arte social, original<br